

Editor Prop. Manoel Camilo dos Santos

Combate de José Colatino
Com o
- Carranca do Piauí -



an. 11 (p. 1) : José Colatino do Piauí - Carranca do Piauí.

FC-277

POEMA
NOUVESSO
Dito Colatino para an. 11
COTUPPBA33.

João Melquiades Ferreira da Silva
(O Cantor da Borborema)

Editor Prop. Manoel Camilo
dos Santos

Combate de José Colatino
com o Carranca do Piauí.

Vamos ouvir a história
de um rapaz valentão
que andava de casa em casa
a procura de questão
era José Colatino
que tinha essa intenção.

O capitão Deodato
morava no Quixadá
era um homem muito rico
dizia ao povo de lá:
—que sua família era
a melhor do Ceará.

O capitão tinha uma filha
mas se ouvia dizer
—que noivo para Chiquinha
era difícil aparecer
parece que êle tinha
a filha para vender.

Combate de José Colatino
com o Carranca do Piauí

Depois de escolher noivos
pela sorte ou destino
apareceu um rapaz
mocinho quase um menino
então casou-se Chiquinha
com o José Colatino.

José era um rapaz que
não tinha comportamento
antes de ser valentão
justou logo o casamento
contava dezoito anos
quase, ainda em crescimento.

Chiquinha, boa mulher
tratava bem do marido
porém José Colatino
empregou o seu sentido
arrotando valentia
tornou-se um rapaz perdido.

Um dia Zé Colatino
chegou a inclinação
disse:— Chiquinha eu agora
sou homem de posição
quem chegar em minha porta
é com o chapéu na mão.

Chiquinha disse:---José
repare primeiramente
olha que no Ceará
tem muita gente valente
vamos fazer nossos queijos
não queira ser insolente.

--Chiquinha eu tenho coragem
fiado n'uma cração
quando boto-a no pescoço
fico logo valentão
você vai ver este povo
como me toma «abenção.»

Chiquinha pôs-se a chorar
com muita pena dizia:
---José eu tenho desgosto
desta tua valentia
que só me vem dar trabalho
casei porque não sabia.

Uma noite Colatino
na festa do Quixadá
perdeu o dinheiro no jogo
pois não sabia jogar
fez o primeiro barulho
deu começo ao seu azar.

José apagou a luz
rasgou cartas de baralho
virou mēsa, quebrou louça
fazendo grande esbandalho
quiz dar no dono da casa
para mostrar seu trabalho

Então o dono da casa
não alisava menino
disse:—cabra malcriado
eu quero dar-lhe um ensino
deu uma surra de páu
no tal José Colatino.

O capitão Deodato
ficou muito conspirado
porque seu genro Zezinho
se achava desfeitado
mas disseram que o rapaz
êle mesmo foi culpado.

Depois José Colatino
foi dar em um inspetor
porque não tinha cercado
a casa do jogador
levou a segunda surra
para não ser agressor.

Colatino estava na feira
e queria dar n'um soldado
ainda abanou os queixos
de um sub-delegado
levou a terceira surra
ficou muito maltratado.

O capitão Deodato
estava muito desgostoso
dizia:—êste meu genro
inda briga de teimoso
quer brigar sem ter idade
não pode com criminoso

Depois foi visto José
na beira d'uma estrada
emboscando um inspetor
armado de uma espingarda
lá levou a quarta surra
e a arma lhe foi tomada.

E José chegou em casa
falando muito zangado
dise:—Chiquinha eu agora
só não matei um safado
porque me tomou a arma
mas pegou-me descuidado.

Chiquinha disse:---José
tú vais te acomodar
tú és ainda criança
não sabes o que é brigar
ou tú endireitas a vida
ou morres de apanhar.

---Chiquinha eu vou agora
sair no mundo a brigar
eu quando vejo um barbado
minha vontade é o matar
só com sessenta processos
é quando eu posso voltar.

Seguiu José Colatino
nas feiras aonde passava
queria mostrar coragem
a todo mundo insultava
no barulho de fim de feira
sempre José apanhava.

Onde José via teima
queria ser muito máu
gritava:---que é isto aqui?
eu já meto o bacalháu
eu aqui não vejo homem...
com pouco estava no páu.

José voltou com dois anos
das freteiras do Estado
com noventa e nove surras
que o povo tinha lhe dado
o capitão Deodato
de tudo estava informado.

O capitão Deodato
arrojou-se nessa hora
dizendo:---“seu” Colatino
aqui o senhor não mora
se suma da minha vista
desde já pode ir embora.

---Por isso a minha família
está muito enjuriada
e você levando surra
sem nenhuma ser vingada
não me serve ter um genro
feito armazém de pancada.

Colatino disse:---Chiquinha
o Quixadá não tem vantagem
você fique com seu pai
que eu vou uma viagem
ate' encontrar um homem
que aguente minha coragem.

— Nesta terra não tem homem
que eu me ocupe a brigar
vou caçar um valentão
que faça eu me zangar;
Chiquinha, do Piauí
inda mando lhe buscar.

Logo montou a cavalo
cheio de animação
despediu-se de Chiquinha
depois de apertar-lhe a mão
seguiu para o Piauí
castigar um valentão.

Nêste tempo no Piauí
na cidade de Ueira
havia um valentão
que veio d'uma fronteira
vivia dando de peia
no pessoal da ribeira.

Todo mundo tinha medo
da cara do valentão
pois a vassoura da barba
prêsa pelo cinturão
quando êle assanhava a barba
atropelava o sertão.

Dizia que estava em guerra
andava de perna manca
e carregava um punhal
do tamanho d'uma alavanca
o povo só lhe chamava
o comandante Carranca.

Os bigodes dele tinha
as pontas tão estiradas
que por detrás das orelhas
ele dava nós de laçadas
quando ele ia dar n'um
fazia as barbas assanhadas.

As moças desta cidade
só justavam casamento
no dia que o Carranca
desse seu consentimento
governava as casas alheias
com crime e atrevimento.

Tôda casa de negócio
só comprava ou só vendia
se o Carranca quizesse
isso mesmo consentia
que os caixeiros só vendessem
em cada semana um dia.

Assim o povo vivia
sujeito a êsse assassino
apanhava do Carranca
homem, mulher e menino
quando ninguém esperava
chegou José Colatino.

Entrou José Colatino
fedendo a xifre queimado
não achando venda aberta
perguntou admirado
por qual motivo a cidade
tinha o comércio fechado.

Saiu-lhe u'a mulher
que lhe deu a explicação
dizendo: — fale mais baixo
aqui tem um valentão,
que mata só com a vista.
é a fera do sertão.

— A riqueza dos fazendeiros
d'aqui êle tem tomado
obriga os homens ricos
lhe trabalhar alugado
as moças não casam mais
o povo vive assombrado.

— Se o senhor quer escapar
corra e vá se esconder
pois só a barba do homem
faz todo mundo tremer
carrega as moças que quer
e quem falar tem que morrer

Colatino disse:—dona
onde mora êste danado?
que quero dar-lhe u'a surra
porque estou destinado
arrancar o gafanhaque
d'um criminoso barbado.

Todo povo abriu as portas
fazendo reunião
Colatino deu dois tiros
insultando o valentão
com pouco viuha o Carranca
rugindo como leão.

Assanhou barba e bigode
e gritou de cara feia
—canalha sem minha ordem
na rua ninguém passeia
quem mandou abrir as portas
leva uma surra de peia.

Colatino pulou e disse:
---está bêbado assassino
barbado, cara de sola
ladrão, perverso e mofino
se prepare p'ra morrer
nas mãos de Zé Colatino.

-- Eu venho do Ceará
nunca temi a ninguém
quando eu pego um criminoso
é o dia que passo bem
tenho 99 nas costas
e doido p'ra inteirar cem.

Colatino já estava
acostumado apanhar
se Carranca puxasse as armas
ele ia se ajoelhar
mas Carranca, esmoreceu
que não podia falar.

Com pouco Zé Colatino
gritava mais animado
-- me tragam fósforo e gás
o Carranca está pegado
pois eu quero tocar fogo
nas barbas deste danado.

O gafanhaque do Carranca
José enrolou na mão
cospiu na cara do bruto
deu-lhe mais um empurrão,
o Carranca tremia que
as armas caíram no chão.

O Carranca arrependeu-se
de se meter no cangaço
sentiu a faca nas barbas
com violento talhaço
viu que do seu gafanhaque
José tirou um pedaço.

Carranca nunca ouviu
falar em tanta vantagem
José com noventa e nove
se era morte ou pabulagem
assembrou-se com os gritos
pensando que era coragem.

Abriu da perna a correr
saiu coberto de poeira
Colatino² ainda atirou-lhe
deu-lhe mais uma carreira
o Carranca ganhou a mata
que ia quebrando madeira.

Ficou José Colatino
como chefe respeitado
entregou as terras tôdas
que Carranca tinha tomado
e mandou prender Carranca
que morreu sentenciado.

Após José Colatino
muito rico e respeitado
escreveu para Chiquinha
que viesse ao seu chamado
na cidade de Ueira
foram viver descansados.

F I M

- P o e m a -

No bosque da Borborema
onde a tarde é mais fagueira
vi a brisa na palmeira
fazendo leque e capela
vi as fontes derramando
seus cristais que a terra banha
e as donzelas da montanha
discute quem é mais bela.

Vi o sol em seu cortejo
espargir seu lampadário
e ao terminar seu horário
encontrou-se na cortina
e a lua açoitando as trevas
por ser estrêla rainha
seguidores para vinha
só na hora matutina.

No dorso da Borborema
orgulhoso laranja
namorando um parreirar
é sítio da Natureza
vi cavaleiro da noite
vaquejando pelas selvas
mesmo orvalhados nas relvas
buscando uma camponêsa.

Brilhava essa camponeza
sonhando em leito de flôres
em bailes cantando amores
minha lira está dileta
a camponêsa era criança
em anos tão bem verdosos
libamos laços ditosos
viva Deus e seu poeta.

DOIS COLEGAS QUE SE FORAM

Com pensamentos imersos
em sentimentos cilóstomos
techo escrito trechos póstomos
uns em crônicas outros em ver-
pois eu conheci diversos [sos,
poétas que bem comporam
bons romances, como foram
Ataide e Zé Camelo
sendo o último um modelo
de muitos que já se foram.

Numa canção saudei
cinquenta já falecidos
alguns meus desconhecidos
porém eu os relembrei,
agora saudarei
nestes versos, desta vez
dois dos melhores, talvez
de consciências visaula
que foi Francisco de Paula
e Severino Milanez

Em-gipso de alabastros
esses helenicos peetas
de clâmides niveas diretas
divagaram pelos astros
o ciclâmes cavalastros
levou-os á imensidade;
Milanez por ter bondade
e Chico por ser amável
estão lá no inefavel
o reino da dinvidade.

A t e n ç ã o ! . . .

Procurem e leiam todos os Romances e Folhetos da A "ESTRÊLLA" da Poesia pois são bons, bonitos e bem-feitos: os quais acham-se assegurados e garantidos pelo Artigo 153 e parágrafo 25 da nova Constituição Federal Brasileira de 1969.

Venda em grosso com grande desconto para os revendedores.

O proprietário:
Manoel Camilo dos Santos

Nº 4640